

Hibridismo derivacional do kimbundu para o português: caso do aumentativo e diminutivo nos nomes

João Domingos Pedro *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-7151-7398>

Celestino Domingos Katala **

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-7956-0139>

Alexandre António Timbane ***

ORCID iD <http://orcid.org/0000-0002-2061-9391>

RESUMO: Este artigo visa abordar de modo sincrônico a influência que o kimbundu continua a exercer na língua portuguesa. O contacto entre ambas as línguas tem proporcionado muitos fenômenos dentro do português falado em Angola, sobretudo em falantes cuja língua materna é uma bantu. Para procedermos análise desse fenômeno, baseamo-nos nos estudos de Afonso João Miguel (2019) e Daniel Peres Sassuco (2018). Centramo-nos em descrever como funciona o hibridismo nos graus aumentativos e diminutivos nos nomes na norma angolana do português, isto é, por via da classe 7 e 12 dos prefixos nominais (Pn7 e 12) do kimbundu. Este artigo tem como objetivo, promover o conhecimento sobre o fenômeno do hibridismo dentro do português, influenciado pelo contacto com a língua bantu kimbundu, bem como descrever a ocorrência deste fenômeno morfológico com intento de se compreender as suas ocorrências em face a sua realização, a qual se reveste de grande importância no sentido de ajudar a compreender certas características linguísticas dos falantes angolanos do português e, mais menos importante, ajudar o docente a entender melhor a natureza linguística do educando, enquanto um dado significativo na sua atuação, considerando um marco de estratégias didático-pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: Hibridismo; Derivacional; Kimbundu; Português; Nomes

Derivative hybridism from kimbundu to portuguese: case of augmentative and decrease in names

ABSTRACT: This article aims to address in a synchronic way the influence that the Kimbundu continues to exert on the Portuguese language. The contact between both languages has provided many phenomena within the Portuguese spoken in Angola, especially in speakers whose mother tongue is a Bantu. Based on works by Afonso João Miguel (2019) and Daniel Peres Sasuco (2018), we will try to describe how hybridity works in the augmentative and diminutive degrees of names in Portuguese spoken in Angola, through class 7 e 12 of the nominal prefixes (Pn7 e 12) of the kimbundu. This article aims to promote knowledge about the phenomenon of hybridity within Portuguese, influenced by contact with the Bantu Kimbundu language and to describe the occurrence of this morphological phenomenon in order to have a better understanding of its realization. great importance in the sense of helping to understand certain linguistic characteristics of Angolan Portuguese speakers and helping the teacher to better understand the linguistic nature

* Mestre em Letras (Linguística Portuguesa), pela Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, Luanda, Angola. É docente do Instituto Superior Politécnico Cardeal Dom Alexandre do Nascimento, no qual Coordena o Curso de Língua Portuguesa e Comunicação; é ainda docente nas cadeiras de Sintaxe e Semântica do Português e Lexicologia e Lexicografia. O presente estudo faz parte do projecto de investigação e extensão universitária no ISPCAN. E-mail: kalendaneto23abril@gmail.com

** É licenciado em Língua e Literatura em Língua Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto-Angola; é escritor e professor de Linguística Portuguesa e Análise Textual no Instituto Superior Politécnico Cardeal Dom Alexandre do Nascimento- ISPCAN. E-mail: julianangolar@gmail.com

*** Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Pós-doutorando na Universidade Federal de Sergipe, docente da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês, Bahia. E-mail: alexandre.a.timbane@gmail.com

of the student, the reason for the occurrence of certain phenomena as well as better elaborate strategies of action in face of them.

KEYWORDS: Hybridism; Derivational; Kimbundu; Portuguese; Names

Ditona: o kaname ka kuhambuka o maba a dizwi dya phutu o itote ye mbundu mu ukexinu wa kutolesa ni kuvudisa kwa majina

O ukalalu yu, uzwela o ukexinu wa dizwi dya kimbundu mu dizwi dya phutu. Mu kuzwela o mazwi a yadi obekesa kaname ka maba, o bana maukexinu engi, mu phutu ya ixi ya Ngola, kote lele, kwa yo a avwalukila ni dizwi dya ixi ya ngola. Phala kuzanza o ukalalu yu twa laye o ukalalu wa ngana Anfonso João Miguel ku muvo wa 2019 ni ukalalu wa mesene Pares sassuku ku muvo wa 2018.

O zhoko ya ukalalu yu o kaname ka kuhambuka kwa kamajina mu dizwi dya kimbundu mu phutu mu ukexinu wa kutolesa ni akuvudisa mukaxi dya ijila mba undonda wa phutu mu ixi ya ngola, mukaxi dya lwangu lwa majina lwa 7 ni 12 (ID 7 ni 12) o itote ya dyanga ku majina mu dizwi dya kimbundu. O phangu ya ikalalu yi, o ku kwijidisa o kaname ka majina a phutu ala ni itote ya dyanga ye mbundu ni kubwata maukenu akuzwela, ya tokala swilu yadikota, phala kukwatekesa ni kutetuluka o uzwelelu wa kwa ixi ya Ngola, o zwela o dizwi dya phutu, ni kuswinisa o jimesene, kuzwela kwa maxibulu, kima kya tokala mu jindunge kwijia ni kulongesa.

MABA ATHEXI: Kaname Ka Majina; Kuhambuka Kwa Majina; Kimbundu; Phutu, Majina

Breves considerações

A língua portuguesa é uma língua natural que surgiu na Península Ibérica (Europa) e se espalhou pelos restantes continentes por meio da colonização. É uma língua complexa tal como qualquer língua, mas que suas características gramaticais diferem das línguas africanas. Antes da chegada dos portugueses em Angola já se falavam línguas do grupo Khoisan e posteriormente as línguas do grupo bantu. A grande maioria dos falantes em Angola é do grupo bantu, da qual se selecionou a língua kimbundu como objeto do presente estudo.

De acordo com Serrote (2015, p. 23), a língua Kimbundu “é uma língua falada nas províncias de Malanje, Kwanza Norte, Luanda e Bengo. Mas é possível pequenos grupos Kimbundu nas zonas fronteiriças ao Sul das províncias de Uíge e do Zaire, ao Norte da província do Kwanza Sul.” O povo mbundu “está localizado na área de Luanda e no baixo vale do Kwanza. Há outros povos nas zonas fronteiriças que refletem as influências Kimbundu. As principais tribos no grupo Kimbundu são: Holo, Ndongo, Mbaka, Mbundu, Mbangala, Ngoya, Nkari, Ngola, Songo, Kisama, Ndembu, Kirima, etc.” (Serrote, 2015, p.35).

Deixamos clara ideia de que os limites linguísticos são diferentes dos limites geopolíticos. O deslocamento da população da zona rural para a zona urbana por causa da guerra, à procura de melhores empregos ou formação acadêmico-profissional é possível encontrar falantes do kimbundu em quase todas as regiões de Angola. Hoje há falantes

de kimbundu fora de Angola, na diáspora, especialmente no Brasil onde ao longo dos séculos de colonização e escravização deslocou africanos para as Américas. Isso ocorreu nos séculos XVII ao século XIX, de acordo com Castro (2009). As regiões onde chegaram mais falantes de kimbundo foram: Bahia e Minas Gerais onde “nas senzalas e plantações predominaram falantes oriundos das zonas linguísticas H e R, na classificação de Guthrie (1948)” (CASTRO, 2009, p.180). Restaram no Brasil, por exemplo, resquícios na variedade brasileira do português. Pode-se citar exemplos de: banzo (aldeia), cachaça (aguardente), cachimbo (aparelho de fumar), caçula (filho mais novo), molambo (trapo), quitanda (lugar de venda de verduras), senzala (alojamento ou conjunto de alojamento dos escravos nas fazendas), carimbo (marca usada nas repartições e casas de negócio para autenticar um documento), muamba (negócio ilícito, velhacaria), cafundó (lugar ermo e distante) entre outras.(MENDONÇA, 2012).

Angola escolheu uma política linguística que valorizou a língua portuguesa em detrimento das diversas línguas africanas faladas pela grande maioria do povo. Infelizmente as línguas africanas ainda não são ensinadas formalmente nas escolas angolanas apesar de ter muitos estudos que criticam a não oficialização e ensino em línguas de origem africana (Severo, Sassuco, Bernardo, 2019). Não se trata de uma incapacidade linguística das línguas africanas de Angola, mas sim da falta de vontade política para que isso aconteça. Nenhuma língua natural surge com gramática pronta e publicada. É necessário que haja estudos que desenvolvam esse trabalho, por isso que se os angolanos quisessem já teriam materiais desse tipo e as línguas autóctones estaria sendo ensinadas tal como acontece com o swahili (Tanzânia, Quênia, Uganda, Ruanda, Burundi, República Democrática de Congo, Somália, Malawi, Zâmbia), isizulu, isiXhosa, afrikaans, sesotho, setswana, sesotho, xitsonga, shivenda, ndebele (na África do Sul)

Os fenômenos linguísticos de natureza fonológica, sintática, semântica, lexical e morfológica observados na língua portuguesa influenciados pelas línguas bantu, com realce para o kimbundu, que é a língua bantu mais falada na capital do país, são hoje incontáveis. Esses fenômenos ultrapassaram a barreira dos que têm como língua materna uma bantu e se estendem até àqueles cuja língua materna é o português ou que tenham um nível acadêmico acentuando.

Diante destes fatos, podemos dizer que este intercâmbio está muito longe de terminar e é nestes termos que pensamos ser bastante necessário abordarmos sobre o hibridismo derivacional do kimbundu para o português, caso do aumentativo e diminutivos nos nomes. Durante um longo período de observação deste fenômeno, notamos que é

uma tendência quase natural para todos os falantes de língua portuguesa, sobretudo nas crianças e adolescentes que estejam a frequentar o ensino geral, embora o fenómeno ocorra com maior incidência nas pessoas que residem nas zonas rurais.

1. Caracterização geográfica do Kimbundu

O kimbundu é uma língua bantu que, segundo a classificação de Greenberg (1963, p. 76) faz parte da grande família Congo-Kordofoniana. Esta família é constituída por subfamílias, que, por sua vez, são divididas em grupos constituídos por diversas línguas. A família Congo-Kordofoniana subdivide-se em duas subfamílias: Kordofoniana e Níger-Congo, sendo essa última dividida em sete grupos linguísticos, dentre eles o grupo das Línguas Bantu onde o kimbundu faz parte. O Grupo kimbundu (H20) é composto pelas línguas kimbundu (H21), sama (H22), bolo ou haka (H23), songo (H24), mbangala (H34) e shinji ou yungo (H35) (TIMBANE, SASUCO, UNDOLO, 2021)

No entender de Guthrie (1967, p.71), as línguas bantu, geográfica e genealógicamente agrupam-se em zonas representadas por letras. As línguas bantu de Angola encontram-se distribuídas em grupos e subdivididas em três zonas que são H, K e R, de acordo com a classificação de Guthrie (1948) e a atualização de Greenberg, Mann e Dalby (Cavacas, 1994; Zau, 2011, p. 48). A **Zona H**: abrange o Norte e o Noroeste do Angola e nela sobressaem dois grandes grupos etnolinguísticos, mbundu e kikongo: (a) Mbundu: neste grupo, o kimbundu é a língua dominante, numa área geográfica que abrange as zonas históricas correspondentes às atuais províncias de Bengo, Luanda, Kwanza-Norte, Malanje e parte de Kwanza-Sul; (b) Bakongo: quanto a este grupo etnolinguístico, o kikongo é a língua dominante.

Nesta perspectiva, Adriano (2014, p. 40) reitera que a língua Kimbundu é falada por cerca de três milhões de falantes, é uma língua com grande relevância, por ser a língua tradicional da capital, hoje, provavelmente com mais de 5 milhões de habitantes. O Kimbundu legou muitas palavras à Língua Portuguesa e importou desta, também, muitos vocábulos. Diante do exposto acima, fica claro que o kimbundu representa língua materna para um número considerável da população que vive nas zonas urbanas de Luanda e nas zonas rurais das províncias já citadas. Essas pessoas em função da sua configuração linguística materna e os cargos políticos que exercem, acabam muitas vezes a influenciar ou criar interferências para as palavras da língua portuguesa por conta do bilinguismo.

2. Marcação do grau dos substantivos em kimbundu

A estrutura interna dos substantivos em linguística bantu não obedecem ao mesmo critério no que concerne a sua formação tal como na linguística portuguesa. Assim, o aumentativo e diminutivo nos substantivos é anteposto ao substantivo. Para Natália et al. (2012, p. 8), a noção de classes nominais é de extrema importância para a compreensão dos fenômenos nas línguas Bantu, como por exemplo, a diminutivização. Segundo Heine, Vossen, Lambert & Reh (1982), dois terços das línguas africanas possuem classes nominais. O critério mais importante na subclassificação desse sistema é a divisão entre gênero linguístico, baseado na distinção de sexo feminino e masculino dentro da classe linguística a que pertence. As línguas bantu não trazem substantivos para todas as classes dos gêneros humanos, como vemos no exemplo adiante na língua Kimbundu: a base nominal (bn) *mona* para designar o nome *filho* no português. Nesse âmbito, o que marca o feminino e o masculino são as bn *muhatu* (mulher) e *dyala* (homem).

Desta feita, para dizermos “filha” ou “filho” em *kimbundu*, diz-se *mona wa muhatu* e/ou *mona ya dyala*. Essas duas formas traduzidas em português significam “filha de mulher” e “filho de homem” respectivamente, daí compreendermos quando as pessoas cuja língua materna é uma bantu, e sobretudo, o kimbundu falam em português “filha de mulher” e “filho de homem”. O que acontece neste caso é o traslado de formas construtivas do kimbundu para o português. Os prefixos das classes nominais provêm hipoteticamente de uma língua bantu Comum reconstruído por Guthrie (1967, p. 46). Como as línguas sofrem alterações no decorrer do tempo, alguns prefixos nem sempre aparecem nos nomes, podendo ser modificados ou até mesmo desaparecer nas classes que indicam singular.

Tabela 1: Prefixos nominais

Classes	Prefixo nominal		Categorias semânticas predominantes
	Bantu Comum Guthrie (1967)	Kimbundu Sassuco (2020)	
1	*mu-	mu-, a-	Nomes que se referem a seres humanos
2	*ba-	∅-	
3	*mu-	mu-,	Nomes que se referem à plantas
4	*mi-	mi-	
5	*i-	di-, ∅-	Nomes que se referem à animais e frutas, às substâncias e coisas incontáveis
6	*ma-		
7	*ki-	ki-,	Nomes que se referem à coisas, objecto e o aumentativo
8	*bi-	i-,	
9	*N-	∅-,i-	Nomes que se referem à alguns seres do reino

10	*N-	ji-	animal e outros
11	*du-	lu-	Nomes que se referem à coisas longas
12	*tu-	ka-	Nomes que se referem ao diminutivo no singular
13	*ka-	tu-	Nomes que se referem ao diminutivo no plural
14	*bu-	u-	Nomes que se referem predominantemente à coisas abstractas, incontáveis
15	*ku-	ku-	Formas infinitivas verbais
16	*pa-	bhu-	Locativos situacionais
17	*ku-	ku-,	Locativos direccionais
18	*mu-	mu-	Locativos de interioridade

Fonte: Guthrie (1967) e Sassuco (2020)

Para o nosso estudo, servimo-nos dos prefixos nominais das classes 7 (ki) que marcam o aumentativo dos nomes e da classe 12 (ka) que marcam o diminutivo dos nomes. Pelo que, os dados acima apresentados, não são absolutos uma vez que há muitos especialistas que apresentam outras versões em função da época ou do lugar onde desenvolvem as suas atividades. Dessa sorte, no kimbundu o grau dos nomes é marcado pela anteposição dos Pn das classes 7 e 12 respectivamente para o aumentativo e para o diminutivo aos nomes.

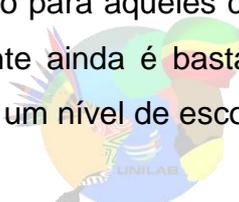
Kimbundu		PE
1a) Bn (5) mbiji		1a) peixe
1b) Pn (7) ki		
1c) ki-mbiji		1c) peixão
Kimbundu		PA
2a) Bn (5) mbiji		2a) peixe
2b) Pn (7) ki		
2c) ki-mbiji		2c) kipeixe

Tal como podemos ver em 1c), o nome mbiji é um substantivo que em kimbundu serve para designar peixe e por via do prefixo nominal da classe 7 (ki) anteposto ao nome, formamos assim nesta língua o aumentativo de peixe que em 1c) para o português europeu é peixão, pospondo assim o sufixo à base nominal peixe para formar o aumentativo. Em 2c) para a norma do português de Angola, o elemento que marca o aumentativo em muitos casos ou contextos de uso da língua portuguesa, é anteposto ao nome, ou seja segue-se a regra das línguas bantu para formular o aumentativo em português, que seria no final da palavra mas que passa a acontecer no início.

Kimbundu		PE
3a) Bn (5) mbiji		3a) peixe

3b) Pn (12) ka	
3c) ka-mbiji	3c) peixinho
Kimbundu	PA
4a) Bn (5) mbiji	4a) peixe
4b) Pn (12) ka	
3c) ka-mbiji	4c) kapeixe

Em 3b) para o kimbundu, o Pn da classe 12 (ka) serve para marcar o diminutivo dos nomes; é assim que em 3c) temos o prefixo anteposto à Bn da classe (5), formando o *ka-mbiji* que é peixinho para o português tal como em 3c) do PE, já para a norma do português de Angola, o elemento que marca o diminutivo em muitos casos ou contextos de uso da língua portuguesa, é anteposto ao nome, ou seja segue-se a regra das línguas bantu, por isso em 4c) para o português de Angola temos o **kapeixe** para designar peixinho. Esse fenômeno de hibridismo derivacional entre o kimbundu e o português através do aumentativo e diminutivo dos nomes, acontece com muita frequência em distintos de uso da língua, sobretudo para aqueles cujo teor do diálogo se remete para o uso informal da língua, não obstante ainda é bastante notória esse hibridismo até em contextos formais em pessoas com um nível de escolaridade elevado.



3.A confluência do kimbundu e do português num mesmo sujeito

Em nosso entender, a relação bilingue que coabita no seio de muitos falantes impulsionados pela realidade plurilíngue existe em Angola, tem produzido um conjunto de interferências que se vão manifestando dia após dia na fala e muitas vezes na escrita desses falantes. Por esses fatos, torna-se imperiosa a realização de estudos que incidam na base da influência bilingue para podermos ter uma maior compreensão da língua que funciona como um organismo vivo susceptível de mudanças em função do contexto. É neste sentido que Calvet (2002, p.22) afirma que:

A descrição do cenário étnico social é importante para compreensão dos factores sociais que influenciam o processo oral e de escrita das pessoas, ou seja, justificam as interferências na produção de enunciados e dos textos escritos, pois “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes.

Sendo diglósica o cenário linguístico angolano, é muito fácil depararmo-nos com falantes bilingues, com domínios em mais de uma língua. Tal como afirma Amélia Mingas (2000, p. 7), “em Angola o português representa língua materna apenas para um grupo de pessoas que vivem nas zonas urbanas e língua segunda para uma maior que vive nas

zonas rurais do país”. Desta feita, os falantes do português em Angola convivem com estas duas realidades linguísticas influenciando-se mutuamente a todo o instante. O desenvolvimento linguístico de um falante é influenciado pelos fatores sociais. Foucault (2000, p. 12) diz que a linguagem mantém relação estreita com o espaço. Ela não é desenvolvida no interior de cada ser humano, mas influenciada pelo meio exterior a si mesma, “desde o fundo dos tempos, a linguagem se entrecruza com o espaço”. Da mesma forma, Labov (2008, p.20) diz que o contexto sociocultural influencia o discurso, pois este não é um ato livre do sujeito ou de sua consciência, mas influenciado pelos determinantes socioculturais do contexto de vida do sujeito.

Ao ouvirmos um falante cuja língua materna é uma bantu a falar português, podemos muito facilmente observar muitas características tanto do ponto de vista da prosódia quanto da ortoépia que o kimbundu ou uma outra língua faz interferir no seu português, isso porque aprender uma determinada língua quando nascemos pressupõe aprender a pensar com esta língua. Segundo Mello (1999, p. 83), interferência trata-se de “um desvio que ocorre na língua que está a ser falada devido à influência da outra língua que foi desactivada”. Todo falante bilíngue está sempre num vai e vem de ativação e desactivação de uma língua em função do contexto, e muitas vezes é impedido a usar elementos de outra língua com a ideia segundo a qual poderá ser melhor compreendido.

Weinreich (1953, p.1), um dos precursores nos estudos sobre línguas em contacto, define interferência como “aquelas situações de desvio das normas da língua que ocorre na fala dos bilíngues como um resultado de sua familiaridade com mais de uma língua, isto é, como um resultado de línguas em contacto, que será referenciado como fenômeno da interferência”. Conforme Borstel (1999, p. 62), os estudos de Weinreich contemplam somente a interferência ao nível intralinguístico, o que não é suficiente, pois há necessidade de considerar, também, os aspectos interlinguísticos. Para a autora, “as interferências podem ocorrer inconscientemente pelo falante bilíngue, por fatores emocionais e situacionais que podem influenciar, em todos os níveis do sistema de uma língua, fonológico, morfológico, sintático, lexical e semântico”.

Apegando-nos em Borstel este hibridismo derivacional entre o kimbundu e o português deriva justamente, por causa de aspectos interlinguísticos, porém de modo consciente, tendo como base fatores emocionais, pois para um falante do kimbundu e português, dizer *ki-peixe* para se referir a *peixão* parece ter para ele uma carga semântica maior e expressa assim com mais intensidade a sua vontade ou o seu pensamento. Segundo Dubois (1973, *apud* Cardoso, 2007), “há empréstimo linguístico quando um

sistema A utiliza e acaba por integrar uma unidade ou um traço linguístico que existia antes num sistema linguístico “B” e que “A” não possuía. A unidade ou o traço tomado como empréstimo são eles próprios chamados empréstimos”. (Xavier e Mateus, 1990, p. 140). Deste modo, podemos denominar este hibridismo como um empréstimo, embora haja também na língua A elementos substituídos, essa substituição, tal como já aferimos deriva do fato de haver necessidade de se intensificar o desejo. De acordo com Cardoso (Ibid, pp. 9-10), as interferências podem se dar nos seguintes ramos:

(a) As interferências fonéticas ocorrem quando há transferência ou substituição de um fonema da língua alvo por outro da língua de origem. Neste caso encontramos a substituição do aumentativo e do diminutivo através das classes 7 e 12 do Pn das línguas bantu antepostas ao nome e no português pospostas ao nome.

(b) as interferências lexicais caracterizam-se pelo empréstimo de formas ou palavras da língua de origem que são introduzidas na língua alvo por falta de domínio, desconhecimento ou insegurança em relação à língua alvo. Neste sentido também se compreende a questão deste hibridismo entre o kimbundu e o português, pois que em muitos casos, os falantes não entraram em contacto com a modalidade escrita do português e desconhece a regra para o grau aumentativo e diminutivo dos substantivos.

4.O contexto de hibridização do grau dos nomes no português através do prefixo nominal do kimbundu

Este fenômeno pode ser encontrado em camadas da sociedade menos escolarizadas numa primeira escala, devido ao desconhecimento com a modalidade escrita, concretamente saber ler e escrever em português. Numa segunda instância é motivada pelo contexto de uso do falante mesmo escolarizado, que domina ambas as modalidades, escrita e falada da língua portuguesa, visando ser mais expressivo para com o receptor.

A língua, quando concretizada num contexto de uso, comporta uma intrínseca dimensão acional: ela serve, com efeito, para fazer coisas. “Falar é agir”, segundo a expressão, sobejamente conhecida de Austin, J. (1962 citada por AZEVEDO, F. J. F. 2010, p.10) que assegura que, a posse e a capacidade de exercício da língua, em atos de fala concretos, pode revelar-se eventualmente condicionadora do sucesso escolar e social do aluno. É o mesmo que dizer que a não compreensão destes fenômenos pode levar o professor a influenciar estigmas dentro do contexto da sala de aula entre alunos, servindo-se assim de barreira para a aprendizagem significativa do aluno sobre a língua.

Para Cristine et. al. (2019, p. 299), todos os falantes angolanos, independentemente da região sociolinguística ou da escolarização, são fortemente influenciados pelo funcionamento sintático e morfológico das línguas bantu, algo que não é apreendido pelo sistema formal de educação, que reitera conceitos de correção baseados na norma europeia do português. Podemos assim dizer que todos os contextos, tanto formais quanto informais, são susceptíveis ou apropriados para a ocorrência desta hibridização derivacional entre o aumentativo e diminutivo dos graus nominais do kimbundu nos nomes em português, basta que o falante aja como se estivesse num contexto do uso do kimbundu, em casos mais extremos este fenômeno ocorre independentemente da consciência do indivíduo.

Exemplos: A palavra ***Ka-mbuta*** é um empréstimo do kimbundu que se usa no português para se referir a palavra portuguesa no diminutivo ***baixinho***. “O marido dela é ***Ka-mbuta***”. A forma que seria tida como correta na norma do PE é: o marido dela é ***baixinho***.

“O meu ***ka-ndenge*** está em casa”. A palavra em negrito é um empréstimo, diminutivo da língua Kimbundu, para se referir ao correspondente em português de ***irmãozinho***.

O meu tio comprou uma ***ki-casa*** no Benfica, temos aqui um exemplo claro de hibridização derivacional, o Pn da classe 7 ki, junta a Bn casa do português para exprimir o grau aumentativo ***casarão***. Essas palavras são a amostra de como em línguas bantu se forma o diminutivo ou o aumentativo dos nomes, diante disso o falante acaba por transferir esses prefixos nominais das classes 7 (ki) para o aumentativo e 12 (ka) para o diminutivo tal como nos exemplos. Na perspectiva de Almeida (2001, p. 24) “a interferência enquanto um fenômeno linguístico resultante do contacto direto entre línguas é uma consequência de diversos fatores externos a citar: políticos, econômicos, sociais, culturais e psicológicos”. Com repercussões de adaptação, integração e reestruturação linguísticas inevitáveis, dentro de um contexto diacrônico e sincrônico da língua. O autor continua a abordar que uma análise dos fenômenos de interferência deve ter em consideração a própria situação de contacto entre as línguas em estudos.

Para o autor acima, os fenômenos de interferência devem ser analisados num cenário psicológico e sociocultural vasto. É nesse diapasão que, a hibridização derivacional do grau dos nomes no kimbundu é motivada por aspectos relacionados com domínio bilíngue do falante, que recorre a este fenômeno em diversos contextos para exprimir o seu pensamento de forma mais intensa,

4. Apresentação e análise dos dados

Vamos agora apresentar e analisar os dados recolhidos para a sustentação de tudo quanto fomos abordando ao longo da feitura deste artigo. Para este artigo, usamos o modelo de pesquisa quantitativa e qualitativa de base interpretativa na visão de Lopes, (1994) apud Robeles, (2016, p. 34). O estudo visou a recolha e interpretação de dados que nos possibilitou concretizar a veracidade das questões que trouxemos em abordagem, e apresentarmos como meio de discussão no corpo do inquérito aplicado aos professores de língua portuguesa das escolas secundárias (Colégio Amílcar Cabral e Liceu 4 de Janeiro -Malanje).

Para o presente estudo contamos com um número de 16 professores de Língua Portuguesa, sendo 5 professoras e 11 professores de ambas escolas. O corpus do nosso estudo foi constituído por 16 questionários aplicados a todos os professores. O questionário foi elaborado no modelo de estudo de carácter quantitativo e qualitativo no que diz respeito à observância de hibridismos derivacionais aos alunos por parte dos professores.

Tabela nº 2: Distribuição de amostra

Idade	Frequência	Grau académico		Gênero	
		Téc. Médio	Licenciatura	Mulher	Homem
Dos 20-29 anos	6	4	2	1	5
Dos 30-60 anos	10	4	6	4	6
Total	16	16		16	

Fonte: Dados da pesquisa

4.3. Análise e discussão dos resultados

Em função dos objetivos para os quais nos dispusemos alcançar, elaboramos um questionário com algumas questões visando saber dos docentes se compreendem este fenómeno da hibridização derivacional nos graus dos nomes em português que decorrem da influência do kimbundu e quais são as estratégias didáticas usadas para dar resposta a este fenómeno. Sabe o que é hibridização derivacional e como funciona? Para essa questão sugerimos respostas fechadas, isto é, sim e/ou não.

Tabela nº 3

Sabe o que é hibridização derivacional?	Como funciona?
SIM	13
NÃO	3
Total	16

Fonte: Dados da pesquisa

Para esta questão, 13 professores responderam que sabiam o que era hibridização derivacional e como funcionava, dos quais três não sabiam o que era nem como funcionava, porém os professores que responderam o que era e como funcionava, disseram apenas que era um tipo de empréstimo de elementos da língua kimbundu para a língua portuguesa, mas não sabiam necessariamente porque é que este fenômeno ocorre.

Após termos refletidos sobre a questão do hibridismo na primeira questão, podemos notar que embora muitos professores tenham noção sobre o que é, ainda assim é uma assunto pouco explorado pelos mesmos, alegando em muitos casos falta de estudos didáticos no tocante ao assunto. Contudo, é um fenômeno que está presente na sala e fora dela e que merece ser divulgado para que se tenha uma maior compreensão do mesmo. Perguntando se “Já alguma vez ouviu os seus alunos a incorrerem ao fenômeno de hibridização?” todos os 16 participantes responderam que “SIM”.

Todos os professores foram categóricos nesta questão ao afirmarem que já terão ouvido de seus estudantes a realização ou a ocorrência deste fenômeno em situações conversacionais. Os professores pensam que este fenômeno vai além de todas as esferas do uso da língua dos seus alunos, assim não há um único aluno que tenha mantido contacto com alguém que tem domínio bilíngue e não tenha a posterior manifestado tal fenômeno de hibridização na realização da linguagem. Perguntando sobre “Acredita que esse é um fenômeno decorrente apenas nos alunos cuja língua materna é o kimbundu?” todos os 16 responderam que “NÃO”.

Para esta questão os professores responderam que este fenômeno de hibridização derivacional ocorre não só em falantes cuja língua materna é uma bantu, mas em todos os falantes dentro da sala de aula. É um fenômeno que ocorre não só para quem fala a língua kimbundu, abrange todas as camadas da sociedade independentemente do nível social. Entretanto, é preciso destacar que ocorre mais nos falantes cuja língua materna é o kimbundu e para aqueles que residem em zonas rurais onde a norma culta não tenha tanta necessidade de uso quanto na zona urbana.

Conclusão

Afirmar categoricamente que o português falado atualmente em Angola é ainda o português europeu constitui não somente ignorância por parte de estudiosos como também purismo absoluto, tendo em conta a dinamicidade da língua. A nosso ver baseando-se em postulados linguísticos já formulados, mesmo deixando de lado as variedades populares e

outras, como dialectais, e restringindo-nos à norma, a dimensão e a natureza dos fenômenos registrados, apontam para a consolidação irreversível de uma norma angolana do português, diferente da do português europeu e da do português brasileiro.

É a partir deste fato, que pensamos que a hibridização derivacional dos graus aumentativos e diminutivos dos nomes do português através dos prefixos nominais da língua kimbundu vem se configurando como uma realidade que deve ser tida em conta aos estudiosos e professores para que se tenha uma maior compreensão desta nova variação do português que vai nascendo, que é o português de Angola. A descrição do grau aumentativo e diminutivo da língua portuguesa apresenta muita diferença no que concerne ao processo de formação do diminutivo da língua Kimbundu, pois que a construção do diminutivo da língua Kimbundu é feita através do processo de prefixação e não sufixação em português.

Tal como afirma Basílio, citado por Abreu (2012, p. 32), tanto o diminutivo quanto o aumentativo, em sua função central de indicar uma dimensão menor ou maior daquilo que é considerado implicitamente como um padrão normal, apresenta também uma função de expressar uma atitude emocional do falante em relação ao tamanho do objeto por ele dimensionado. Tanto no português quanto no kimbundu, a colocação dos nomes no grau visa intensificar a ideia, porém para um falante bilíngue em que a língua materna é o kimbundu, o objetivo de recorrer ao hibridismo derivacional dos graus tornar a ideia muito mais intensa, ou seja, este falante julga que a sua ideia cria outro efeito para o receptor quando anteposto o Pn das línguas bantu que marcam o aumentativo e diminutivo à Bn do português.

Os estudos sobre as línguas africanas faladas em Angola é de salutar e indispensáveis. Estudar as línguas africanas em Angola é urgente por forma a que haja paridade entre as línguas. É de suma importância que as línguas africanas sejam ensinadas nas escolas para que se possam avançar na revitalização das mesmas. Os angolanos precisam valorizar as suas próprias línguas e discutir o lugar delas na constituição. As iniciativas de Paiva (2018) e Nascimento (2022) revelam que a diáspora se interessa pelas línguas africanas e é importante que as línguas não desapareçam. .

Referências

ADRIANO, P. S. (2014). **Tratamento morfossintático de expressões e estruturas frásicas do Português em Angola: Divergências em relação à norma Europeia.** (Tese de Doutorado). Évora: Universidade de Évora.

- ALMEIDA, A. (2002) **Qualidade no Software**. Universidade Aberta, Lisboa.
- AZEVEDO, F. J. F. (2010). **Metodologia da Língua Portuguesa**. Porto, Coleção Universidade, Plural Editores Lda.
- BORSTEL, C. N. V. (1999). **Contato linguístico e variação em duas comunidades bilíngues do Paraná**. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- CALVET, L. J. (2002). **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução; Marcos Marcolino. São Paulo: Parábola Editorial.
- CARDOSO, A. J. (2007). **A Importância do erro e as interferências linguísticas no processo de aquisição de uma língua não materna**. Lisboa, Departamento de Educação Básica, p. 1-12.
- CASTRO, Y.P. de. O português do Brasil, uma intromissão nessa história. In: GALVES, C.; GARMES, H. RIBEIRO, FR.(Org.). **África-Brasil: caminhos da língua portuguesa**. Unicamp-SP: Ed.Unicamp. 2009, p. 175-184.
- FOUCAULT, M. (2000). **As palavras e as coisas**. Trad. de Selma Tannus Muchall. São Paulo: Martins Fontes.
- GREENBERG, J. H. (1963). Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: GREENBERG, J.H.(Eds.). **Universals of Language**. Cambridge: MIT Press.
- GUTHRIE, M. (1967–71) **Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages**. 4.ed.. Farnborough: Gregg Press.
<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/kimbundu-conheca-o-idioma-angolano-que-deu-origem-a-palavras-como-samba-e-moleque/> . Acesso em: 11 abr.2023.
- LABOV, W. (2008). **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial.
- MELO, J. **“O português, língua nacional angolana”**. In África 21 de Abril.
<http://lusofoniahorizontal.blogspot.com/2010/06/joao-melo-o-portugues-lingua-nacional.html>.
- MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília:FUNAG, 2012.
- MINGAS, A. A. (2000). **Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda**. Luanda, Campo das Letras – Editores S.A..

NASCIMENTO, V. Kimbundu: conheça o idioma angolano que deu origem a palavras como samba e moleque. Correio. 2022. Disponível em:

NATALIE et al. Projecto Descrição e Documentação de Línguas Moçambicanas. In:

DUARTE, F. B.; NGUNGA, A.(Org.). **Edital no 33/2012** (Programa Internacional de Apoio à Pesquisa e ao Ensino por meio da Mobilidade Docente e Discente Internacional – Pró-Mobilidade Internacional).

PAIVA, T. Aplicativo ensina kimbundu para crianças. 2018. Disponível em:

<https://educacaointegral.org.br/reportagens/aplicativo-ensina-lingua-kimbundu-para-criancas/#:~:text=Poucos%20sabem%2C%20mas%20essas%20palavras,Angola%2C%20pertencente%20%C3%A0%20fam%C3%ADlia%20bantu.Acesso> Acesso em: 11 abr.2023.

SERROTE, J. M. **Antroponímia da língua kimbundu em Malanje**. 81f. (Dissertação) de Mestrado em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2015.

SEVERO, Cristine G.; SASSUCO, Daniel Peres. BERNARDO, Ezequiel Pedro José (2019). Português e línguas bantu na educação angolana: da diversidade como “problema”. **Línguas E Instrumentos Linguísticos**. nº43, p.290-307, jun-jun, 2019.

TIMBANE, Alexandre António; SASUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio. (Org.). **O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino**. São Paulo: Opção, 2021.

WEINREICH, U. (1953). **Linguagem em Contacto** . Editor: André Martinet.

ZAU, D. G. (2011). **A língua portuguesa em Angola um contributo para o estudo da sua nacionalização**. Covilhã: Universidade de Beira Interior.

Recebido em: 11/02/2023

Aceito em: 20/04/2023

Para citar este texto (ABNT): PEDRO, João Domingos; KATALA, Celestino Domingos; TIMBANE, Alexandre António. Hibridismo derivacional do kimbundu para o português: caso do aumentativo e diminutivo nos nomes. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial I, p.286-300, mai. 2023.

Para citar este texto (APA): Pedro, João Domingos; Katala, Celestino Domingos; Timbane, Alexandre António. (mai. 2023). Hibridismo derivacional do kimbundu para o português: caso do aumentativo e diminutivo nos nomes. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial I): 286-300.